



# A fabricação da maternidade pela grande mídia: o lugar do sujeito-mãe-celebridade

The Fabrication of motherhood by the *mass media*: the place of subject-motherhood-celebrity

Anderson de Carvalho Pereira <sup>1</sup>  
Kátia Alexsandra dos Santos <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo analisa a veiculação da maternidade de celebridades em capas de revista com base na Análise do Discurso francesa. Ao dialogar com a temática da sociedade do espetáculo e da fabricação dos corpos pelo discurso, a pesquisa considera que há um lugar para o sujeito-mãe-celebridade pela via da espetacularização e da maternidade como produto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gravidez. Maternidade. Mídia.

## ABSTRACT

This article examines the placement of celebrity maternity magazine covers based on the French Discourse Analysis. When discussing the theme of the society of the show and the making of the bodies by the discourse, the research considers that there is a place for the subject-mother-celebrity through spectacularization and maternity as a product.

**KEYWORDS:** Pregnancy. Motherhood. *Mass Media*.

\* \* \*

## Introdução

A partir do contato com a capa da revista “Contigo!”, que mostra a atriz Karina Bacchi<sup>3</sup>, e com uma entrevista a um canal de televisão aberta intitulada “Karina Bacchi conta por que terá bebê nos EUA, quais são as vantagens e se toda brasileira pode” cotejamos um estudo científico com base em uma perspectiva discursiva que abordasse o modo pelo qual a grande mídia tem fabricado um lugar imaginário para a maternidade. Um

<sup>1</sup>Doutor em Ciências (Psicologia) pela Universidade de São Paulo-USP (Ribeirão Preto/SP). Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem (Itapetinga-BA) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Vitória da Conquista-BA) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: [apereira.uesb@gmail.com](mailto:apereira.uesb@gmail.com).

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo-USP. Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO. E-mail: [kalexandra@unientro.br](mailto:kalexandra@unientro.br)

<sup>3</sup> Link: <https://www.youtube.com/watch?v=fpTN8Em--1U>. Acesso em 10/12/2017.

dos primeiros movimentos de estranhamento de que resulta este trabalho reside na encenação de um parto em um país ícone do consumismo, da mercantilização do cotidiano e da fabricação de celebridades, mesmo em tempos de austera crise econômica e política que assola o Brasil. Ressaltamos, portanto, que não se trata de estudo voltado à biografia, nem mesmo à carreira da celebridade acima referida. Trata-se de estudo voltado ao imaginário em torno da maternidade e que, para isto, traz a análise da materialidade do sentido estabelecida pela grande mídia.

Deste modo, coube-nos perguntar inicialmente: que lugar é este que a grande mídia coloca o sujeito-mulher-mãe? Que lugar discursivo sedimenta uma crença sobre a maternidade e às voltas com qual lugar dos sentidos sobre ser mulher, celebridade, mãe? De que modo esta posição ao mesmo tempo é resultado em parte da fabricação de um lugar sujeito à interpretação midiática e camufla parte de seu processo de determinação? Diante de nosso objetivo maior, o de investigar o processo de fabricação da maternidade do sujeito-mãe-celebridade, responder às perguntas acima apresentadas fez parte de um caminho de discussão e de consolidação de um dispositivo teórico-analítico pelo qual mostramos, por meio de recortes de capas de revista de grande circulação, um modo (dentre outros possíveis) de interpretar recortes de zonas de sentido mobilizadas pela grande mídia acerca da maternidade. Foi a reboque deste percurso que fizemos as primeiras buscas de capas de revista e mobilizamos os aportes teóricos a serem explicados adiante.

## 1 Fundamentação teórica

É no cotidiano que aparecem movimentos de interpretação da realidade aprisionados em cadeias de linguagem sem as quais não se acessa um debate sobre o sujeito. É neste amplo mosaico de significantes, corpos, imagens, gestos e *flashes* que, em nossa época, tem se notado uma profusão de uma rede de sentidos mais do que multifacetada, quase transpassada por piruetas, para lembrar as ilustrações de Escher. Por cotidiano, entendido concorde Heller (1992: 18) como “[...] atividade social sistematizada [...]” que inclui a ‘significação da vida cotidiana’ em sua heterogeneidade e hierarquização. E no sentido de “[...] trivialidades não mais designando o *objeto* do discurso, mas o seu *lugar*” (CERTEAU, 2001, p. 63, *itálico do autor*).

A importância para Certeau (2001) da inserção do ordinário no meio científico é porque é ponto de encontro de uma travessia, de uma experiência com a linguagem que não se reduz a práticas já estabelecidas, que é rebelde aos excessos do racionalismo e do método de herança positivista em sua suposta neutralidade, é avesso aos dogmatismos dos laboratórios e das observações da autoscopia como se estas imprimissem (empiricamente) mais fidedignidade aos estudos em Ciências Humanas e Sociais.

Destacamos que a discussão que trazemos atravessa o campo dos estudos de gênero, contudo a conduzimos por meio de uma abordagem discursiva, ressaltando, desse modo, que nosso enfoque está voltado ao aprofundamento do debate sobre a natureza do sentido e do exercício de interpretação em materialidades escritas que estabelecem um lugar de força-poder no fulcro de diversas questões em uma sociedade letrada (PEREIRA, 2011). E é justamente pelos sentidos que compõem a partir das materialidades que propomos analisar que se podem pensar efeitos nas relações de gênero.

Assim, apostamos no Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1989), como perspectiva que, ao tomar o método de investigação a partir de uma valorização da interpretação de indícios, de elementos considerados menos significantes, para compreender o todo, pode servir de diretriz para colocar no mesmo plano uma análise discursiva que também se serve de alguns conceitos psicanalíticos.

De modo análogo ao percurso estabelecido por Postman (1999), ao demonstrar a construção da infância a partir dos dizeres estabelecidos pela imprensa escrita, aventamos a possibilidade de se percorrer caminho próximo para a investigação do padrão corporal (em meio à polissemia metafórica do corpo icônico, e não biológico) e do lugar imaginário da maternidade no período contemporâneo.

Isto porque a fabricação da maternidade inclui antes de mais nada a fabricação de um tipo de corpo no imaginário<sup>4</sup>. É notória a mudança corporal da mulher grávida, o que não aparece em todas as capas de revista aqui analisadas. O corpo na grande mídia parte de um “*perfil-tipo* para o uso do corpo, nada mais que uma imagem que será disseminada, copiada, adaptada, cujo investimento intemperantemente desconhecemos seu ponto de chegada” (MILANEZ, 2004, p. 196, *itálico do autor*). Dessa perspectiva, “a revista suscita a constituição de corpos modelares e de objetos desejáveis, uma verdadeira máquina imperial, sobre a qual passamos a maneira e as forças que produzem tanto a realidade social quanto as suas subjetividades” (MILANEZ, 2004, p. 197, *itálico do autor*).

Em outras palavras, as revistas de grande circulação mobilizam diversas questões caras aos debates sobre o valor sociopolítico e a ordem discursiva dos corpos em suas dimensões sócio-históricas e culturais, no que se refere a seu périplo de assujeitamento à linguagem. O corpo não mais, portanto, como engrenagem substantiva de uma *res extensa* positivada, mas discursivizado, fabricado no imaginário enquanto dá suporte a um modelo de lugar de sujeito a ser alcançado, como se fosse possível antecipar, calcular e

---

<sup>4</sup> Esse conceito será discutido no decorrer do texto, tal como é compreendido pela psicanálise lacaniana.

prescrever este lugar que, projetado, seria alcançado. Tomando como ponto de partida essa noção de corpo e sujeito, falamos em fabricação da maternidade no sentido da “fabricação de um sujeito através daquilo que se coloca como um ‘manual de ajuda’” (TFOUNI; TFOUNI, 2014, p. 122).

Outro ponto relevante para nossa discussão diz respeito a um lugar consolidado historicamente que se refere a uma “escolha” de valores morais nos quais o sujeito se refugia para fazer frente ao caráter comunitário de um modo de vida (HELLER, 1992). Pautada pela consolidação da escolha individual de valores morais, a burguesia tenta construir refúgios da esfera privada por meio dos quais consolida algumas virtudes.

Desde o estabelecimento do gineceu como lugar da intimidade feminina e da conjugalidade (DUBY, 1994) indo para a virtude que passa a vigorar no século XIX, temos o lugar da mulher quase beata que clama piedade e perdão caso adúltera, adultério este que não deve ser superestimado porque o dever da maternidade ainda impera e é exaltado como sensatez das esposas quase beatas (CORBIN, 1991).

É neste recôndito lugar distante e em busca da medida exata da relação com o Outro que surge a tríade conjugalidade, gravidez e maternidade, em um lugar social aparentemente cada vez mais definido e ao mesmo tempo sujeito às contingências do cotidiano espesso e disperso que ocultam por alguns períodos alguns pesares da conjuntura histórica desta tríade, como o aumento no século XVII do número de crianças de origem portuguesa abandonadas no Brasil após o nascimento somadas àquelas ameríndias já acolhidas pelos jesuítas (VENANCIO, 1997) e ainda as de origem afro-brasileira, frutos, em grande parte das vezes, de estupros de mulheres negras e relações consideradas “ilegítimas”. A “história secreta da dor feminina” (expressão do autor) é a história da imposição do abandono dos filhos legítimos ou tidos fora do casamento, abandono forjado no silêncio da noite e na escuridão da cidade com ou sem testemunho da parteira. A moral rígida comportava tanto o casamento virginal e o abandono de um indesejado, quanto o não acolhimento de filho ilegítimo de outrem.

Desta rede de jogos de poder, derivou muita instabilidade doméstica. As mães pobres e as mulheres escravizadas entregavam às Santas Casas e recorriam às Câmaras. Conviviam o assistencialismo de herança europeia e a demonização do aborto; numa somatória de médicos e administradores repetiam a atribuição de culpa às mães cujos “anjinhos” em forma de cadáver enchiam as rodas para dispensar o gasto financeiro com ritual cristão digno. Em suma, Venancio (1997) defende que se conhece o universo feminino do período colonial até os dias atuais, investigando narrativas sobre o abandono e a escravização de crianças por criadeiras ou as vendas em jornais por amas-de-leite. Em torno das campanhas médicas de incentivo à amamentação, por sua vez, Alencastro (1997) explica que, em meados do século XIX, anúncios fazem competir as mucamas negras e portuguesas dos

Açores. E esse seria apenas um dos aspectos inerentes à exploração das mulheres negras no que tange à experiência da maternidade.

Em meio à nossa tentativa de transitar no mosaico indiciado por esses elementos que pincelamos, optamos pelo aprofundamento sobre a conjuntura histórica a partir da discussão de pesquisas que também se ocuparam da relação com a mídia contemporânea. Por isso, fizemos uma busca na base *Scielo* para os termos “maternidade” e “mídia” juntos; e em seguida, “maternidade”, “mídia” e “gravidez”.

A primeira busca resultou em cinco pesquisas a serem aqui discutidas por se aproximarem do rumo tomado por nossa análise. Curiosamente, o cruzamento com o termo “gravidez” não indica nenhum trabalho relacionado à maternidade e mídia, de modo que este estudo pode também contribuir para problematizar uma sobreposição, pautada numa evidência semântico-ideológica de uma suposta sinonímia entre “maternidade” e “gravidez” pela mídia.

Maluf e Mott (1998) ajudam a entender que não é inédita a delimitação da maternidade pela imprensa escrita. Isto porque uma “pedagogia do casamento” era composta de normas prescritas para o casamento e a vida conjugal em meio à velocidade das transformações da vida feminina. Incluem-se neste corpo prescrito, a maternidade veiculada em revistas femininas, como missão, como lugar sagrado do matrimônio das puras e higienizadas moralmente. Seja no escopo da eugenia e suas pretensões científicas, seja no das revistas cotidianas, como a “Revista Feminina”, que divulgava “toda mulher deve tornar-se mãe” (p. 388, em destaque à esquerda da página, no original).

Marcello (2005a, p.139) argumenta que o “dispositivo da maternidade é organizado midiaticamente” o que conduz a subjetivações que são veiculadas por revistas de grande circulação por meio de mulheres “celebridades” que são instadas a falar de si e de seu corpo por meio de uma maternidade em que “o sujeito-mãe enuncie a si mesmo como um ser organizado e preparado para enfrentar as inúmeras tarefas que lhes são dirigidas” (p.140). A autora conclui que, voltadas ao “autocontrole”, formas de “organizar-se” e de “enunciar-se”, as formas do dispositivo atualizam a maternidade engendram linhas de subjetivação que passam por estratégias normativas consolidadas historicamente.

Em outro estudo, Marcello (2005b) investiga mais detidamente algumas “modalidades maternas” (expressão da autora) com foco nas personagens-mãe Xuxa e Vera Fisher e que em meios aos dispositivos também estabelecidos em torno da Pedagogia instam formas da normatividade; em tese, todos estes ignorariam aparentemente formas de resistência possíveis de serem contempladas, mas a própria norma constitui algumas dessas formas de resistência.

Outro estudo, agora de Schwenberger e Meyer (2011), problematiza o discurso médico ao mostrar a consolidação de padrões corporais e profiláticos para as grávidas. Embora não mencione “gravidez” na palavra-chave, a pesquisa problematiza o corpo grávido destacando que a mentalidade sanitarista e o ideal iluminista de educação fez parte de uma invenção mais recente da maternidade interpretada por um grupo de mães aquém dos padrões impostos pela classe médica sob tutela do Estado. A gestão fisiológica do corpo foi propagandeada por estratégias pedagógicas padrão para sujeitos genéricos. As autoras analisam a revista *Pais & Filhos* como “tradutoras” deste código normativo, com destaque para a avaliação do recém-nascido, vista no detalhamento dos descritores de saúde do feto e no apagamento ou prontidão na resolução de reações corporais como náusea e sonolência no corpo da gestante; numa linha de expropriação do corpo grávido traçado por este lugar da história da escrita.

Schwenberger (2012), em seu texto “Mãe moderna: esportiva e forte”, reflete, a partir da perspectiva discursiva de Michel Foucault e aproximando-se dos estudos de gênero, acerca do que chama de “politização do corpo grávido”, analisando também a Revista *Pais & Filhos*, no período de 1968 a 2004. A autora afirma que a educação dos corpos grávidos por meio de veículos como esse constrói posições de sujeito para a mãe moderna, que deve ser esportiva e forte, o que significa cuidar do próprio corpo, preparar-se para o parto, e manter-se bonita e sensual, durante e pós-gestação. O artigo ainda aponta para uma mudança de perspectiva ao longo dos anos no que se refere à gravidez, antes vista como período frágil, e agora visto a partir de potencialidades ligadas à prática de exercício físico, que colocam à mulher outros imperativos.

Tomaz (2015) apresenta uma revisão acerca dos estudos existentes sobre maternidade e mídia, por meio de busca no Portal de Periódicos da Capes, Google Acadêmico e Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP). Foram encontradas cerca de 80 publicações, entre artigos, teses e dissertações, alocadas em 8 áreas do conhecimento: educação, comunicação, psicologia, saúde, ciências sociais e políticas, antropologia, história e letras. A partir da discussão de diferentes objetos midiáticos, sobretudo localizados na mídia impressa e, nessa categoria, destaca-se a análise da revista *Pais & Filhos*, Tomaz (2015) destaca três eixos temático-teóricos das produções encontradas: o primeiro coloca em questão as representações do feminino na mídia, sobretudo relacionadas ao papel naturalizado de mãe; o segundo eixo diz respeito ao investimento no corpo da mulher, na maioria das vezes relacionado à propriedade biológica de gestar um filho, apresentando-se um corpo escrutinado por saberes e poderes oriundos de diferentes práticas sociais. Por fim, o terceiro eixo diz respeito ao lugar pedagógico que a mídia ocupa no que se refere à maternidade, trazendo, por meio da voz de “especialistas”, modos de ser e de agir para se constituir (boa) mãe.

Em uma perspectiva discursiva e psicanalítica, os estudos de Chiaretti (2008) e Santos (2015) merecem destaque mesmo porque estabelecem questões de relevância para a discussão em torno do jogo de sentidos sobre o feminino e a maternidade, caros também a este trabalho.

Chiaretti (2008, p. 96) interpreta os sentidos legitimados pela grande mídia ao analisar *slogans* e expressões discursivas genéricas e clichês e explica que “a mídia partilha matrizes de inteligibilidade, que são veiculadas e atualizadas a partir de uma certa memória discursiva e de imagens estereotipadas”, conciliando a significação e homogeneizando a imagem da mulher; por meio, inclusive, de um apagamento da historicidade da disputa do sentido em meio aos movimentos sociais. Santos (2015) defende que a mulher-mãe-infanticida é construída por um modo de a mídia operar uma simbolização cujo lugar na realidade é contornado pelo uso de expressões genéricas que buscam sustentação em um lugar universal da maternidade.

Em meio a este debate acadêmico, cabe ressaltar que ambos mantêm afinidades com a investigação aqui proposta; mesmo porque o estudo de Chiaretti (2008) e de Santos (2015) apresentam aspectos da materialidade do sentido que mais se aproximam de uma análise que também procurará dialogar com a identificação no imaginário por meio de um encadeamento discursivo particular, entre a evidência e o disfarce do *non sense* e da deriva dos sentidos. Com esta pesquisa, queremos indicar os mecanismos de identificação com a maternidade do sujeito-mãe-celebridade.

## **2 Memória discursiva, arquivo e sujeito**

A fim de pensarmos o modo como se caracteriza a mulher-mãe-celebridade na mídia, faz-se necessário passar pela rede de sentidos que possibilita a discursivização de um lugar como esse. Assim, cabe discutir o conceito de memória discursiva como elemento teórico que transversaliza esta análise. Pêcheux (2009) descreve esse conceito por meio daquilo que chama de interdiscurso como “um todo complexo com dominante das formações discursivas” (2009, p. 149), lembrando que a noção de Formação Discursiva (doravante FD), para o mesmo autor, é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (2009, p. 147, destaque do autor).

Assim, a memória discursiva é, portanto, conjunto de dizeres que se atualiza na formulação, possibilitando os efeitos de sentido. Desse modo, realizar uma análise discursiva passa pelo recorte necessário nessa atualização de dizeres a fim de se chegar ao “objeto” de análise. Disso decorre a noção de arquivo, utilizada em Análise do Discurso do ponto de vista das regularidades que se mantêm por meio de uma escavação de pré-construídos já sedimentados no imaginário, regularidades estas que aditem

o convívio entre gestos de interpretação mais superficiais e aqueles, que da ordem do subterrâneo, estabelecem um campo semanticamente estável sobre uma questão (PÊCHEUX, 1997). A linearidade em detrimento da escavação possibilitada pelo simbólico na interpretação.

O arquivo que possibilitou organizar os recortes das materialidades analíticas para esta pesquisa assenta-se em uma posição-sujeito, como enunciamos anteriormente: o sujeito-mãe-celebridade. A noção de sujeito para a Análise do Discurso coloca-se a partir do conceito de forma-sujeito, conceito emprestado de Althusser por Pêcheux para designar a forma de existência histórica que coloca o indivíduo em relação com a linguagem, produzindo o sujeito, a partir da interpelação por uma FD, uma vez que:

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2009, p. 150).

A essa noção de sujeito oriunda de uma perspectiva materialista, a AD ainda faz convergir a noção de sujeito da psicanálise: sujeito dividido e atravessado pelo inconsciente, já que Pêcheux considera que “o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos” (2009, p. 124). Assim, temos um sujeito que reproduz dizeres, já que se constitui pela interpelação ideológica, contudo sempre há espaço para o deslizamento de uma FD à outra e ainda para o equívoco, a falha e a falta, elementos que materializam a existência de um sujeito outro, tal como considera a Psicanálise.

Por fim, tendo em vista o assujeitamento à região do sentido “mulher-mãe” e o lugar que essas mulheres descritas nas materialidades que estamos analisando ocupam como celebridades (na relação com os dizeres sobre a mídia, a fama, etc), o sujeito mulher-mãe-celebridade só pode constituir-se como tal a partir de uma conjuntura que se coloca a partir da lógica do espetáculo.

Conforme abordagem feita por Debord (2003, p. 15), “o espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente” [...]; disso decorre que “o espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível”. Para este autor, o espetáculo coroa o imperativo de uma opção pelo consumo; no caso, a opção por consumir maternidade.

Se até algum tempo, as mulheres celebridades tinham que desaparecer da vida pública quando passavam pela experiência da maternidade, hoje podem tornar a gravidez, o nascimento e quase todo o processo inerente à experiência inicial com os filhos espetáculo a ser vendido e consumido, mantendo-se, portanto, em atividade, mesmo em um momento da vida que se considerava relegado ao espaço privado.

### **3 Metodologia- formação e análise do *corpus***

Expor imagens na capa da revista faz parte de uma estratégia de persuasão das revistas de grande circulação, o que indica também um modo icônico de articular sentidos que sustentam os discursos ali circulantes. A primeira capa recortada para esta pesquisa (figura 1) foi buscada em função da entrevista televisiva mencionada na nossa introdução. A partir deste recorte, chegamos ao site da revista “Contigo” que organizou uma eleição voltada ao seu público com o objetivo de coroar a melhor capa das edições de 2016. Na exposição do escrutínio, vimos que havia destaque às capas de revista que estampavam várias celebridades com menção à maternidade.

A partir disso, criamos um dispositivo para, assim, em torno da questão inicial sistematizar enunciados (no caso, derivados das capas da revista “Contigo!”) e interpretar os sentidos sustentados pelos discursos. Isto porque partimos daquilo que Courtine (1982) chamou de “direcionamento do olhar” que opera na materialidade imagético-discursiva em questão. O direcionamento de nosso olhar para outras capas de revista que fazem menção à maternidade indicou se estabelecer ali um lugar discursivo semelhante ao de um arquivo (no sentido dado por Pêcheux – 1997-, de um campo discursivo semanticamente estável no que se refere à materialidade que o recobre) e que, por isso, define também de forma estável um lugar da maternidade.

Este exercício interpretativo de atualização se fundamenta em um modo de recortar o “já lá” que no caso em análise elege no icônico em que a imagem é um operador da memória social e da simbolização (AVALLON, 1999) e indicando que no plano do “já dito” a memória nunca é linear e plana, mas parte de um jogo de oposições, confrontos deixando oculta parte da dimensão do real das “coisas a saber”, perturbando a lógica semanticamente estável (PÊCHEUX, 1999) dos acontecimentos. Neste caso, sobre “ser mulher”, “ser mãe”, do sujeito “mulher-mãe” e do sujeito “mulher-grávida-mãe”.

Vale lembrar que este modo de operação marcado por um já lá mantém estreita afinidade com o conceito de imaginário em Lacan (1998, 1986) por meio do qual uma teoria materialista do sentido indica formas de analisar o jogo de antecipação e de eficácia na identificação de uma posição diante do

Outro<sup>5</sup>. A eficácia material do imaginário de que trata Pêcheux (1993) depende de uma reflexão sobre a natureza do sentido e da interpretação, bem como de uma discussão sobre identificação da posição-sujeito. É o dispositivo teórico e conceitual aqui eleito para nossa análise.

#### 4 Análise

O/A analista (pesquisador/a) marca esta eficácia material do imaginário ao interpretar como os processos de identificação são perpassados pelas condições de produção, que indicam o discurso “nas instâncias enunciativas institucionais, marcadas por características amplamente históricas” (POSSENTI, 2009 p. 60). Em um primeiro momento, portanto, já assinala movimentos de interpretação, pois estas instâncias marcadas já são consideradas indícios, conforme o paradigma indiciário. Partindo dessa afirmação acerca da organização do *corpus* analítico, apresentamos as capas de revista selecionadas para esta análise:



Figura 1 – Grávida de produção independente<sup>6</sup> (edição 2160 Revista Contigo, publicada em 13/2/2017).

<sup>5</sup> O grande Outro se refere à esfera simbólica do inconsciente, isto porque “o sujeito da psicanálise é um efeito do significante (um efeito da linguagem): ele está sob os significantes e se dirige ao Outro (com “O” maiúsculo) — o inconsciente”(LONGO, 2006,p. 48).

<sup>6</sup> Todas as imagens foram retiradas de: <http://contigo.uol.com.br/noticias/exclusivas/escolha-a-melhor-capa-de-contigo-do-ano-de-2016.phtml#.WYTI5WLytdg>. Acesso em 10/12/2017.



Figura 2 – “Sempre quis ser mãe” (Edição 2150 da revista Contigo, publicada em 5/12/2016)



Figura 3 –Thais Fersoza pronta para receber Melinda(Edição 2127 da revista Contigo, publicada em 27/6/2016)



Figura 4 – Olivier Anquier e Adriana Alvez “grávidos” (Edição 2134 da revista Contigo, publicada em 15/8/2016)



Figura 5 – “A maternidade ocupou todo lugar em minha vida” (Edição 2128 da revista Contigo, publicada em 4/7/2016)

O recorte explicitado nas figuras acima está firmado no lugar da mulher-mãe-celebridade. A análise linguístico-discursiva permite apontar parte desta evidência no registro do imaginário, bem como de que forma ocorrem mecanismos de disfarce do *non sense* e da deriva. É por este caminho que apontamos o jogo entre o contorno mais restrito da evidência pelo apagamento das características mais amplas da conjuntura histórica de que faz uso pelo apagamento de efeitos de sentido já estabelecidos que traçaram um rumo para a maternidade na grande mídia brasileira. Este contorno configura um lugar para o interlocutor, entre um ir e vir, entre a repetição do já estabelecido e o lançamento de projeções do sentido, projeções estas que se articulam por retroação ao já dito e pelo disfarce do que escapa. O/A analista (pesquisador/a), desta maneira, parte em busca deste rumo, deste itinerário, somente em parte recuperável, como numa caça, que exige um retorno, um movimento de retroação a caminhos já percorridos de tal forma que esta postura prova, conforme Ginzburg (1989), que o paradigma indiciário tem caráter venatório.

Desta forma, iniciamos a análise das cinco figuras elencadas acima ao aprofundarmos o que traz Lacan (1998) acerca do estádio do espelho em sua relação com a fabricação. Lembramos o leitor que o conceito de imaginário que faz parte do mesmo âmbito da discussão sobre o estádio do espelho foi eleito por Pêcheux, nos estudos sobre o discurso, para analisar os processos

de identificação por meio dos quais uma base material da ideologia cristaliza evidências e coopta posições-sujeito.

Lacan (1998: 98, grifos nossos) afirma acerca da relação especular entre [eu] e Outro:

[...] é também prenhe das correspondências que unem o [eu], ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o [eu] à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, na qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação.

Em outras palavras, podemos depreender as seguintes questões: de que maneira uma imagem antecipada pela grande mídia, obriga o sujeito a “se consumir”, a se exaurir de si mesmo? De que forma uma ambiguidade de si mesmo (uma vez que o sujeito da Psicanálise, no imaginário, aparece pelo vacilo, pelo conflito, pela ambiguidade) é contornada ou é debelada para tornar-se fabricada?

Quais sentidos estão em jogo em uma produção de maternidade “independente”? O que sustenta a evidência de “querer” ou “estar pronta” para ser mãe? De que modo é possível que um homem e uma mulher estejam “grávidos”? Ou que a maternidade ocupe “todo lugar” na vida de uma mulher? Todas estas perguntas têm, para além de seu efeito retórico, persuasivo, modos de antecipar um lugar no imaginário, por meio de uma imagem antecipada que atua no regime de fabricação da maternidade.

Isto porque, conforme Lacan (1985), não se pode prever o lugar do imaginário em que o sujeito ocupará, tendo em vista um jogo de interpretação que lida com o imprevisto na linguagem (uma vez que o simbólico impõe uma estrutura aberta), nem tampouco se a imagem projetada o abrigará em lugar certo.

Tal como num lançar de dados, conforme a metáfora do psicanalista francês, o lugar de fabricação, portanto, visto nas imagens acima, assegura algumas posições antecipadas às mulheres que, se grávidas, podem se firmar para marcar uma posição.

O uso da partícula “se” no parágrafo acima é proposital, uma vez que se trata, por parte dos enunciados acima elencados nas figuras, de uma tentativa de restringir o campo das possibilidades e impor um padrão de necessidade de cumprir requisitos para a maternidade fabricados por uma deontologia, cuja marca é o “dever ser” ou o “ter que”. Esta partícula, portanto, é uma pista, um indício de um ponto de deriva entre um e outro lugar possível de estar sujeito às interpretações distintas.

Deste modo, o lugar do sujeito-mãe acima delineado indica que o sujeito-mãe: tem que produzir de forma independente; tem que querer; tem que estar pronta; tem que estar acompanhado; tem que ocupar todo o lugar da vida. É um lugar no imaginário que “prefigura sua destinação alienante” (LACAN, 1998); ou seja, marcado antecipadamente pela exclusão de outras possibilidades, alheias a estas. Deste modo, a grande mídia impõe uma lógica disjuntiva do tipo X (v) Y (ou...ou), a saber: ou independente ou dependente; ou estar pronta ou não estar pronta; ou estar acompanhada ou não estar acompanhada; ocupar todo lugar ou não ocupar todo lugar. A marca “ou...ou” opera, portanto, uma exclusão.

Nesta conjuntura, aparece o dilema: como é possível produzir de forma independente sem estar acompanhada (sem que estejam “grávidos”)? De que forma é possível ocupar todo o lugar na vida de uma mulher e produzir independentemente? De que forma “ser mãe” é um lugar evidenciado pela marca “estar pronta”?

Com destaque para o fato de que todas as figuras circulam nas capas da mesma revista de grande circulação, notamos que o imperativo de “ser mãe” oscila entre uma ilusão de “auto-fabricação”.

O que é X de “produção independente”? Analisamos o efeito do complemento “produção independente”. Sabemos que na sociedade de consumo, em tese, tudo pode ser produzido de forma independente. Deste modo, uma gravidez é apenas uma dessas formas. Este lugar do imaginário consome um sujeito, inefável, posto que esvaziado de sua condição de produtor e mediador do simbólico. Um produto fabricado como outro qualquer, embora o fabricante seja uma celebridade. O lugar da celebridade seria de cooptador de um lugar do Pai na fabricação da maternidade; um lugar no imaginário, esvaziado de sentido no simbólico.

Em seguida, podemos pontuar que “Sempre quis” (figura 2) e “pronta” (figura 3) delineiam marcas de exclusão, uma vez que tornam evidente que não há lugar para as que se tornam mães sem “estarem prontas”. Este lugar da evidência é firmado por um já dito, por um lugar do interdiscurso cooptado pelo discurso médico, pela higienização mostrada por Marcello (2005b) e Schwenberger e Meyer (2011). Este lugar “fora” pode ser entendido na linha do que Santos (2015) aponta como exceção ao grupo “A mulher”, bem como um lugar de recusa.

Como também vemos na sequência discursiva “A maternidade ocupa todo lugar em minha vida”. Nesta, a pretensão de totalidade chama a atenção por se tratar de um lugar do imaginário em que maternidade se torna agente da ação. Além disso, o uso do pronome indefinido “todo” comporta no plano do não dito a substituição por “nenhum”. Um enunciado que indica que todo lugar é ocupado indica implicitamente que “nenhum lugar não é ocupado”. Este efeito do implícito obriga a perguntar: onde está o

sujeito do discurso? Se gramaticalmente o sujeito da ação é “a maternidade”, o lugar sujeito à interpretação que desnaturaliza que a maternidade ocupa todos os lugares da vida de uma mulher, está apagado, pois “todo” não indica uma particularidade. Esta marca linguístico-discursiva exclui qualquer outra participação do Outro. É sabido que muitas das discussões sobre maternidade, paternidade, constituição de gêneros e papéis sociais têm se pautado na reivindicação da construção de uma coletividade em torno da questão que, ao que é indicado por esta sequência, é ignorada pela grande mídia.

A interpelação do sujeito é a de que é “todo” e “ninguém” concomitantemente. Trata-se de um gesto de apagamento da divisão das tarefas cotidianas da maternidade que são requeridas socialmente. O destaque para uma figura famosa do meio musical, a chamada celebridade, dá conta de aparentar que, no caso, a forma-sujeito “indivíduo” aglutina a todos, coopta interesses de forma isonômica e total. Porém, a imagem antecipada pela capa da revista fabrica um lugar da maternidade em que deixar ocupar “todo” lugar no cotidiano de uma mulher somente é possível se se trata de uma celebridade. Isto porque ocupar “todo” espaço pode ser ocupar lugar algum; no que se refere aos afazeres cotidianos, ocupar lugar algum é um privilégio de um sujeito-mãe que conta com uma equipe na execução desses afazeres.

Resgatamos com Dolto (1984) o que a Psicanálise pode apresentar sobre o enigma da maternidade. Citando:

[...] a opção genital da mulher é falotrópica. O fruto dessa opção é uma fertilidade desejada como poder recebido de um representante fálico, tanto pessoal como social, portador de um aparelho genital fecundo, de que ela suscita a atenção, o interesse e a escolha deliberada (DOLTO, 1984, p. 107).

Então, podemos afirmar com Dolto (1984) que a fabricação da maternidade segue o estabelecimento de um lugar para a função materna no imaginário<sup>7</sup>. No caso do recorte “produção independente” não temos somente gestação após fecundação biológica, com “escolha” do material biológico, mas tal como está no imaginário comum e na memória discursiva (ver MALUF; MOTT, 1998) uma preparação de “bons frutos”, uma tentativa de antecipar um lugar do Sujeito. A forma de distribuição de sentidos pela grande mídia

---

<sup>7</sup> A função materna pode ser entendida em Lacan (1998) como a que veicula sentidos do grande Outro, do simbólico. É decisiva porque estabelece significantes caros por meio dos quais o sujeito é constituído pela dialética entre eu ideal e ideal de eu.

nesta antecipação é de legitimar um lugar do grande Outro, contornando a variação de possibilidades de contingências porvir. No campo das “coisas a saber” (PÊCHEUX, 1997) o real da história é preenchido por produtos que tentam obturar a falta simbólica por uma demanda imaginária. Residiria nisso uma das forças da eficácia material do sentido? Seria neste lugar do imaginário, o de uma “fertilidade desejada como poder recebido de um representante fálico”, em que o representante é o discurso científico e pedagógico legitimado pela mídia?

## 5 Considerações finais

Tratar do imaginário pela via da análise da materialidade do sentido no caso do sujeito mãe-celebridade é também uma forma de mobilizar parte do jogo dialético do desejo em função do par “eu ideal” e “ideal de eu”.

À tradição freudiana, devemos este caminho em que o que é projetado no contorno do laço social e na formação de compromisso dos sintomas da contemporaneidade ganha formas de subjetivação em discurso. Uma vez que o “inconsciente é o discurso do Outro” para lembrar Lacan (1998), estas formas de elencar indícios de alienação e separação devem contar também com a análise da materialidade languageira do cotidiano. É nesta que circula o homem ordinário que, conforme Certeau (2001) apareceu como baluarte do valor da contribuição investigativa da Psicanálise sobre a contemporaneidade. A materialidade analisada indica que o ideal de eu pode ser uma mercadoria que não intercepta o sujeito somente no plano imaginário, mas na legitimidade da eficácia simbólica e da posição determinante de seu modo de ocupar o lugar de “discurso do Outro”.

Por fim, ainda é possível dizer que só é possível haver lugar para o sujeito-mãe-celebridade, na medida em que a própria maternidade como discurso para pelo crivo da espetacularização, tornando-se produto, por meio da imagem a ser vendida de mãe independente, mas que pode ceder seu estado “grávido” ao companheiro, e que toma a maternidade como lugar de totalidade, apagando-se todo o “resto”.

## Referências

AVALLON, J. A imagem – uma arte de memória? In.: PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. Campinas/SP: Pontes. 1999, p. 23-32.

ALENCASTRO, L. F. Vida privada e ordem privada no Império. In.: ALENCASTRO, L. F. *História da vida privada no Brasil*: Império (vol. 2). São Paulo/SP: Cia das Letras, 1997, p. 11-95.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano – as artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

CHIARETTI, P.(2008) *O que quer uma mulher segundo o discurso da revista feminina*. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto,

2008.

CORBIN, A. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, M. *História da vida privada* – vol. 4 – da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo/SP: Cia das Letras. 1991, p. 503-563.

COURTINE, J.J. L'instituteur et le militant (Contribution à l'histoire de l'analyse du discours en France). *Archives et Documents de la Société d'Histoire et d'épistémologie des sciences du langage*. Vol 2(1), 1-15, 1982.

DÉBORD, G. *A sociedade do espetáculo*: 2003. Tradução em português: [www.terraviva.pt/ilhadomel/1540](http://www.terraviva.pt/ilhadomel/1540). Paráfrase em português do Brasil R.S. Guedes. Coletivo periferia. [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia). Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em 31/10/2017.

DOLTO, F. A maternidade – seu papel na evolução sexual da mulher. In: \_\_\_\_\_. *Sexualidade feminina: libido/erotismo/frigidez*. São Paulo/SP: Martins Fontes. 1984, p. 106-108.

DUBY, G. A solidão nos séculos XI-XIII. In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença*. 2 ed. São Paulo/SP: Cia das Letras. 1994, p. 503-526.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. 4 ed. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 1992.

LACAN, J. *O Seminário – livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. *O Seminário – livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do [eu]. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro/RJ: 1998, p. 96-103.

MALUF, M.; MOTT, M.L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, N. *História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio* (vol. 3). São Paulo/SP: Cia das Letras, 1998, p. 367-423.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 139-151, ago. 2005a. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782005000200011>.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 26, p. 01-18, dez. 2005b. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

40602005000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 ago. 2017.  
<http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.385>.

MILANEZ, N. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In.: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (orgs.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos/SP: Claraluz. 2004, p. 183-200.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In.: ORLANDI, E.P. et al (orgs.). *Gestos de leitura: da História no discurso*. Trad. B. Mariani et all. 2ª.ed. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP. 1997, p. 55-67.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª. Edição. Campinas/SP: UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In.: PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. Campinas/SP: Pontes. 1999. 49-57.

PEREIRA, A.C. *Letramento e retificação da escrita*. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo/SP: Parábola, 2009. 129-147.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. (S.M.A. Carvalho e J.L. de Melo, trad.). Rio de Janeiro/RJ: Graphia. 1999. (Original publicado em 1982).

SANTOS, K. A. “*Mulher joga filho na lixeira*”: a discursivização da mulher-mãe infanticida na mídia. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP. Área de Concentração: Psicologia. 176 p. Ribeirão Preto-SP, 2015.

SCHWENGBER, M. S. V; MEYER, D. E. Discursos que (con)formam corpos grávidos: da medicina à educação física. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 36, p. 283-314, jun. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332011000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000100011>.

SCHWENGBER, M.S. V. Mãe moderna: esportiva e forte. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 32, n. 87, p. 165-176, ago. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622012000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622012000200003>.

TFOUNI, F.E.V.; TFOUNI, L.V. A mídia e a fabricação do “bom” sujeito. *Revista Todas as Letras*, São Paulo, volume 16, n.1, p. 116-124, maio 2014.

TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. *Galáxia (São Paulo)*, São Paulo, n. 29, p. 155-166, jun. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-25532015000100155&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532015000100155&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120031>.

VENÂNCIO, R.P. Maternidade negada. In: DEL PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo/SP: Contexto. 1997, p. 189-222.

Recebido em maio de 2019.  
Aprovado em julho de 2019.